

NOVA ERA: SEUS DESAFIOS À FÉ CRISTÃ

J. B. Libânio*

Uma rajada de movimentos espirituais tem atravessado o Primeiro Mundo e as camadas ilustradas do Terceiro Mundo ocidental.¹ Tanto mais surpreendente quanto mais os profetas da Morte de Deus da década de 70 tinham anunciado um silêncio sepulcral a respeito de Deus. No seu diagnóstico, o mundo moderno se cansara dos discursos de Deus e na sua audaz autonomia ia desfazendo, um por um, os rincões habitados pelo Divino.

Nada acontece na história por puro acaso, apesar de fatores aleatórios. Os abalos sísmicos são anunciados pelo sistema meteorológico das causalidades. Cabe-nos perguntar o porquê dessa onda espiritual, da qual a Nova Era é uma das expressões mais significativas.

CONTEXTO DO SURGIMENTO DA NOVA ERA

Hoje ninguém duvida de que um movimento, por mais espiritual que seja, esteja articulado, como resposta ou como resultado, a fatores econô-

micos, políticos, culturais e religiosos. Importa, portanto, conhecer o contexto da Nova Era.

Impotência diante do sistema neoliberal globalizado

Quando o entusiasmo político, os movimentos revolucionários, as grandes utopias sociais ainda estavam no horizonte, não havia espaço para uma onda espiritual absorvente, como a Nova Era. Sobre tudo a juventude estava engajada e animada por esperanças de transformação da realidade. O final da década de 60 significou o ponto alto de tal movimentação. Pouco a pouco, as luzes foram-se apagando. A vitória da revolução sandinista no final da década de 70 ainda mantinha acesas algumas velas de luta por uma sociedade alternativa. O Documento de Puebla daquela época propunha uma série de opções de caráter profético e alentador: opção pelos pobres, pelos jovens, por uma ação da Igreja junto aos construtores da sociedade pluralista na América Latina, em favor da dignidade da pessoa. No fundo, estava a idéia de uma sociedade alternativa aos vigentes modelos socialista e capi-

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor na Faculdade de Teologia do CES da Companhia de Jesus em Belo Horizonte, MG. Autor de numerosas obras de teologia e pastoral. Publicou recentemente: *Ser cristão em tempos de Nova Era*. São Paulo: Paulus, 1996, 61p.

¹ Sudbrack, 1990, oferece excelente visão complexiva.

talista. O neoliberalismo globalizado marca o fim desse longo movimento de revoluções realizadas ou sonhadas.

No final da década de 80, como castelo de cartas, desmorona o gigantesco império socialista, até então sob a liderança da União Soviética. Esta desaparece do mapa, deixando atrás de si novas nações, lutas étnicas, rivalidades ancestrais. Outros países socialistas, como a Iugoslávia, sofrem problemas semelhantes. Desfeito o bloco socialista, ficou no páreo unicamente o capitalismo neoliberal.

As heranças socialistas, que o capitalismo tinha incorporado na sua forma do Estado do bem-estar social, são repudiadas. Os mecanismos construídos, desfeitos. O Estado-nação perde cada vez mais sua autonomia, sendo obrigado a submeter-se a políticas econômicas, definidas nos grandes centros do capital, independentemente dos interesses das nações.

A força operária vê-se quebrada no seu espírito de luta. O corporativismo das categorias fragmenta-a. Torna-a mais vulnerável ao poder do capital. O crescente desemprego, causado pela substituição do operário pela máquina, graças ao desenvolvimento da microeletrônica e da informática, e também pelo acirramento da concorrência no interior de um sistema econômico globalizado neoliberal, enfraquece ainda mais a coesão dos operários em suas lutas e utopias.

A teologia da libertação sonhava e apostava no “sujeito histórico dos pobres” para uma transformação da realidade social e eclesial (Gutiérrez, 1981). Com o triunfo do neoliberalismo, esses sonhos são enviados para as calendas gregas (Assmann, 1994). De toda essa movimentação e esperança de transformação político-econômica, sobrou a triste realidade da vitória triunfal da forma mais liberal do capitalismo. A globalização não veio

para reforçar as lutas libertadoras, mas a força do capital.

É de estranhar então que as pessoas se voltem para uma área onde não existem as decepções das derrotas, nem a dureza dessa luta insana? É de estranhar que brote uma outra onda espiritual de esperança que nos empurre para um espaço protegido desse entrevero sofrido? É de estranhar que precisamente muitos dos combatentes de ontem,

dos jovens revolucionários de décadas passadas, se reúnam em tertúlias de oração em vez de aparelhos revolucionários?

**A Nova Era está articulada,
como resposta ou como
resultado, a fatores
econômicos, políticos,
culturais e religiosos,
como qualquer movimento,
por mais espiritual
que seja.**

**Descrédito diante de
uma política mediática
e corrupta**

A prática política atual decepciona. Estouram escândalos envolvendo políticos, partidos até então cridos como ímpolutos. Na

Itália, desencadeia-se a “política das mãos limpas”. No Brasil, as ondas de acusação a políticos se sucedem ininterruptas. O *affaire* Collor, a CPI do Orçamento, a das Empreiteiras, a dos Precatórios são exemplos do descrédito crescente da classe política. Políticos eleitos traem seus programas sociais com posturas conservadoras de direita. Como então acreditar na política? Como querer envolver-se nela por idealismo? Como assumi-la como campo das utopias e não como lugar privilegiado para enriquecer-se o mais rapidamente possível à custa do dinheiro público?

Outro traço decepcionante da política vem do poder da mídia na fabricação dos partidos e dos políticos. Já não se votam em projetos partidários nem em pessoas concretas, mas em suas imagens. E essas são produzidas pelos laboratórios mediáticos. E como nesse mundo as quantias são fabulosas, a vitória política associa-se diretamente ao dinheiro. E esse à corrupção. Círculo férreo.

É de estranhar então que, por causa de tanta

decepção diante da política, as pessoas se refugiem nos páramos agradáveis da espiritualidade? É de estranhar que, depois de amargar tantas derrotas eleitorais e de ver descumpridos os projetos sociais prometidos, especialmente a juventude substitua a militância política pelo dinheiro fácil de caminhos escusos ou se entregue ao bálsamo dos ambientes religiosos?

Decepção diante da razão iluminista

A decepção vai mais fundo. A razão iluminista da modernidade tinha prometido liberdade, igualdade, fraternidade. Arvorara-se em substituta da religião na configuração da sociedade, na regência do pensamento científico. Em vez da autoridade da tradição, ela defendera a própria autonomia objetiva. Enveredara-se pelo caminho promissor das análises, das pesquisas, da conquista da natureza, do progresso, da crítica acerba aos fundamentos mesmos do real.

Assumiu também a forma de razão instrumental, estabelecendo os objetivos, organizando os meios para sua obtenção com eficiência, competência, baixos custos e altos benefícios.

O que a geração atual colheu de fruto da prática dessa razão? Bomba atômica, campos de concentração, devastação da natureza, poluição, megalópoles desumanas, pobreza e miséria ao lado de luxo ofensivo. Em oposição à objetividade de uma razão fria, defende-se então a valorização da subjetividade. Em contraste com a capacidade analítica e desnorteante do pensar moderno, aspira-se por visões mais sintéticas, globalizantes. Em lugar de avançar na conquista destruidora da natureza, desenvolve-se uma consciência ecológica diante da

sacralidade do mundo. Diferente da concepção de um progresso ilimitado, aparecem cada vez mais claros os limites dos bens da natureza. Sem mais querer esmiuçar racionalmente os fundamentos do real, as pessoas entregam-se a seus arcanos. Enfim, em vez de instrumentalizar a realidade, fazem dela elos de comunicação.

É de estranhar então que surja a Nova Era com seus ideais de harmonia com a natureza, mergulho

no mistério, comunicação mais profunda entre as pessoas, com o cosmos e com o divino?

Reação religiosa à secularização das instituições religiosas

Por muitas razões, as instituições religiosas, as Igrejas, perderam força social. Dilaceraram-se com guerras entre si, viram a heteronomia de suas verdades e ritos ser questionada pela autonomia da razão moderna, os surtos libertários opuseram-se a suas imposições dogmáticas e morais.

Os dados estatísticos estão aí em abundância para mostrar crescente desinstitucionalização das religiões e Igrejas oficiais. Diminuição de membros, frequência mais reduzida da geração jovem, queda na prática de seus ritos, flexibilização de seus ensinamentos e prescrições.

A perda do monopólio das grandes Igrejas provocou, não uma secularização das pessoas, mas uma fragmentação e individualização das formas religiosas. Caldo de cultivo da Nova Era. Em vez do enorme transatlântico da Igreja institucional, pululam infinitas barquinhas religiosas a que os indivíduos ou pequenos grupos sobem para navegarem espiritualmente.

É de estranhar então que, nesse enfraqueci-

Com a impotência diante do sistema neoliberal e o descrédito diante de uma política mediática e corrupta, é de estranhar que as pessoas se voltem para uma área onde não existem decepções, derrotas nem lutas? É de estranhar que se refugiem e se entreguem ao bálsamo dos ambientes religiosos?

mento geral da instituição religiosa oficial, surja essa corrente espiritual que oferece guarida a todos os desprotegidos religiosos?

O TIPO DE PROPOSTA DA NOVA ERA

A Nova Era é uma tentativa de resposta à situação sumariamente descrita. Ela não caiu feita do céu. Fez-se com a argamassa da história humana. Nem é como Melquisedec, sem pai nem mãe nem geração.

Em busca de alguns marcos geostóricos

Os estudiosos perdem-se na busca das origens da Nova Era. Há desde os que a vêem nascer com a geração da contracultura da década de 60 até aqueles que rastreiam suas origens gnósticas no mundo pré-cristão. Concordam, porém, em dizer que não têm ponto único de referência.

Em vez de fundador, a Nova Era tem hoje centros principais de difusão, que se situam nos Estados Unidos, tanto na Califórnia, quanto em outras partes do país (Terrin, 1966, p. 49). Os seus contornos não são nítidos. É antes um produto da modernidade tardia ou pós-modernidade, que tem a gigantesca capacidade de recuperar e reciclar os materiais mais antigos e tradicionais na sua oficina ideológica.

Encetar um percurso regressivo pode desviar-nos por inumeráveis trilhas. Por isso, talvez seja mais importante estudar as propostas e os desafios que ela levanta ao cristão.

Sonho utópico no mundo da morte das utopias

Pesa sobre a geração presente a sensação de

inutilidade no referente à transformação das estruturas, tanto no campo da economia e política, quanto da cultura e religião institucional. Morreram as utopias em três sentidos.

No mundo do consumismo, os nossos sonhos podem ser realizados pela tecnologia. Não precisamos mais de utopia. A ciência de ficção vai-se transformando em realidade. É questão de tempo.

Para que utopia, diria o nipo-americano F. Fukuyama (1992), se a democracia liberal americana realizou a melhor forma de sociedade humana possível, “o fim da história”? Basta copiá-la.

No mundo da luta social, a sociedade alternativa do socialismo fracassou. Todas as lutas foram em vão. Poupemo-nos. Para que levar até o alto da montanha a pedra que rolará antes de atingi-lo? Melhor contemplar nosso rosto nas águas tranquilas do lago.

Em lugar de uma utopia social, a Nova Era apresenta o *sonho de uma “Nova Era” de felicidade para todos*. Chegou enfim a época de ouro que o poeta Virgílio cantou na sua égloga. Mas agora há uma vantagem enorme. Não depende de nossa luta, nem do beneplácito dos deuses. É fruto de uma conjunção astronômica. É lá no céu, pela posição do sol, que se decide o início. Deixamos o signo belicoso de Peixes para entrar no da paz e amor de Aquário. (Gil, 1994, p. 16)

Nessa Nova Era, criar-se-á uma *nova consciência da unidade da comunidade humana*. Consciência planetária. A globalização já não é pensada unicamente no mundo econômico e da cultura de massa, mas na criação de uma consciência que nos projete para além de nossa humanidade, de nosso planeta terra até uma relação com a totalidade do

Com a decepção diante da razão que prometia tudo e a perda de força social das instituições religiosas, é de estranhar que surja a Nova Era com ideais de harmonia, de mergulho no mistério e comunicação com todos? É de estranhar que ela ofereça guarida a todos os desprotegidos religiosos?

cosmos. Estão em jogo novo modelo e estágio superior de operação da mente humana.

Com essa nova consciência, podemos criar uma *nova sociedade* em que as divergências políticas, religiosas e de costumes não gerem ódio, nem guerras, como no passado. Qualquer tipo de guerra é rejeitado como negócio, já que não se aceita tirar lucro à custa do sofrimento alheio, da morte, da destruição.

Essa nova sociedade torna-se possível, porque se cria uma *nova espiritualidade* que se opõe ao materialismo consumista e ao individualismo sem solidariedade. Ninguém se entende superior ao outro. Por isso, rejeita toda divisão baseada numa concepção de superioridade racional, social, religiosa, cultural. Essa espiritualidade pretende responder ao prurido de *high tech* (alta tecnologia) com *high touch* (alta percepção). Substitui o acesso que a tecnologia nos oferece ao mundo material por um outro tipo de aproximação à realidade através da sensibilidade aguçada e desenvolvida.

Propugna como sonho utópico uma *nova religião*. Nesse ponto, a Nova Era assume posição extremamente crítica ao cristianismo. A história infelizmente mostrou como os cristãos, no zelo indiscreto de evangelizar, uniram-se à ideologia conquistadora e hegemônica do Ocidente, promovendo conquistas sangrentas, guerras, destruição de culturas e etnias. A Nova Era proclama a religião da paz e do amor. Por isso, em vez de voltar-se para o Cristo histórico dos cristãos, prefere falar do Cristo Maitreya, com tinta budista.

Uma palavra resume esse sonho utópico: *harmonia*. O mundo atual é desafinado, conflitivo,

dilacerante, estressante, desgastante. A Nova Era anuncia um mundo afinado, harmonioso, integrador, repousante, reconstituente. Quem não o deseja? Daí o fascínio de seu canto.

A Nova Era como cosmovisão

É mais que um sonho utópico. Propõe uma cosmovisão. Não pretende entrar na jogada da filosofia ocidental, construindo um sistema de verdades e normas, bem estruturado, lógico, coerente. Seria precisamente pagar um tributo à razão iluminista da modernidade que ela critica. Tanto a fúria analítica como a ambição sistêmica são duas faces da razão moderna de que a Nova Era se afasta.

Sua cosmovisão ambiciosa, no entanto, responder os grandes problemas, as perguntas fundamentais do ser humano de maneira globalizante. Mais religião que filosofia, mais próxima da experiência mística que da lógica explicativa, busca encontrar

um núcleo unificador de toda a história.

Apesar disto, é, a seu modo, uma filosofia da história. Tenta interpretar a totalidade da história humana, já não desde a liberdade criativa do ser humano, nem desde uma entidade divina, nem desde o destino, mas em íntima relação com a conjuntura dos astros. O deslocamento do sol em relação a certas constelações e seu influxo sobre a humanidade permitem esperar uma nova era. A passagem da constelação de Peixes para Aquário provoca o surgimento de nova racionalidade, novos paradigmas para definir as relações entre os humanos e deles com o cosmos e com o mundo divino. Fala-se então de novo modo de conhecer, novos sentimentos e emoções. Impera o lado melhor do

O sonho utópico da Nova Era: harmonia. O mundo atual é desafinado, conflitivo, dilacerante, estressante, desgastante. A Nova Era anuncia um mundo afinado, harmonioso, integrador, repousante, reconstituente. Quem não o deseja? Daí o fascínio do seu canto

ser humano: solidariedade, ausência de medos, liberdade, alegria, comunhão com o todo. (Gil, 1994, p. 15)

A natureza do saber da Nova Era

Quatro palavras podem definir o tipo de saber da Nova Era: ecletismo, gnose, terapia e *network*. O *ecletismo* é a conseqüência natural do sonho utópico da Nova Era, de sua cosmovisão, de sua atitude básica. Compara-se a imenso garimpo na história humana, recolhendo todas as pepitas de ouro de lá onde estiverem. Assim confluuiu para seu desaguadouro uma gama de movimentos. Cada um traz algum elemento para a harmonia desde sua riqueza. Só o seu elenco já é expressivo: movimentos da contracultura, espiritualistas, pós-revolucionários, orientalistas, ecólogos, naturalistas, feministas, esteticistas musicais etc. Ligam-se a várias tendências filosóficas, fundamentalistas, neo-ortodoxos. Em muitos pontos, eles conflitam entre si, mas a Nova Era opera amplo sincretismo num espírito de harmonia.

A seu serviço está um exército de saberes, de ciências e pseudociências: a “nova física” (einsteiniana, quântica), a psicologia (humanista, transpessoal, profunda), a parapsicologia, a astrologia, a teosofia, a antroposofia, a ufologia, a ciência sobre experiências fora do corpo, próximas da morte etc.

Sendo fundamentalmente um movimento religioso desembocam nele as mais diversas correntes de origem bíblico-cristã, espírita, reencarnacionista budista e hinduísta, taoísta, xamânica, carismática, neopentecostal etc.

Muitos autores concordam em chamá-la de *gnose*. Guarda o elemento distintivo de pretender ser uma via de salvação predominantemente pelo conhecimento esotérico. Propõe salvar o ser humano. Pelo menos já aqui. O além explica-se conforme variantes da matriz original. Parece predominar um imaginário oriental de comunhão para além das individualidades numa harmonia mística, cósmica. Outros retêm uma individualidade auto-identificada numa forma psíquica superior pela via re-

encarnacionista.

O saber, sem perder sua dimensão intelectual, inclusive incorporando elementos da “nova física” e de muitas ciências, é fundamentalmente místico-afetivo, emocional. Recorre a conhecimentos arcaicos de origem xamânica. Agrega artes de adivinhação, de cartomancia, tarô. No sentido de propiciar uma percepção mais profunda, interior, em diversos momentos e em algumas de suas formas, a Nova Era usa a droga. Não no contexto de bacanais ou em ambientes pesados, mas num clima espiritual. Entre nós, a forma mais conhecida pelo Santo Daime, pela União do Vegetal, é a aiuasca. Ingre-se em forma de chá, obtido pelo cipó “mariri” e pelo arbusto “chacrona”. Segundo testemunho de alguns de seus usuários, essa droga provoca “mirações”, pode facilitar a interiorização, além de certos efeitos colaterais orgânicos. A questão de gerar ou não dependência é discutível. Mas a sua prática, em certas celebrações religiosas, procura manter-se dentro de sua finalidade estritamente espiritual.

A Nova Era quer criar um clima de harmonia, de paz interior. O homem e a mulher modernos vivem sob pressão estressante. Por isso, ela cultiva diversas formas de *terapia* para que seu sonho de harmonia interior das pessoas consigo mesmas, com o cosmos e com o mundo divino comece a ser realizado. Há forte influência oriental no uso dos recursos terapêuticos. No pressuposto da profunda unidade e união entre espírito e corpo, age-se sobre o corpo por meio de pranaterapia (controle de respiração), hidroterapia, cromoterapia, controle alimentar, massagens, danças, ginásticas rítmicas, aeróbicas etc.

Finalmente, a Nova Era respira o ar da globalização procurando criar imenso *network*. Agir em rede, relacionar-se em rede, instituir relações e experiências.

Esse quadro sucinto já mostra a imensa complexidade da Nova Era. Cabe ainda descer, em vista do diálogo cristão, a alguns elementos mais diretamente religiosos e teológicos.

Alguns traços fundamentais teológicos

O ecletismo praticamente impossibilita a elaboração de uma teologia da Nova Era. Sistematizá-la seria entrar em contradição com sua própria natureza. Por isso, trata-se mais de indicar alguns traços básicos teológicos que permitam perceber, postos vagamente, os contornos desse movimento.¹

A imagem de Deus

“Deus não! Religião sim!” Esse *slogan* bate com o espírito da Nova Era. Com o “não”, quer-se afastar de uma imagem monoteísta de Deus conforme a tríplice tradição judaica, cristã e islâmica, a saber, de um Deus pessoal, Criador, distinto das criaturas, Ser consciente e livre, que entabula relações com os humanos, quer escolhendo o Povo de Israel e conduzindo-o pelo deserto à Terra Prometida, quer enviando seu Filho Jesus, quer manifestando-se por meio do profeta Maomé.

“Religião sim” quer precisamente denotar o caráter esfumado do Divino.

Aceita-se o adjetivo “divino”, nega-se o substantivo “Deus”. Prefere-se o abstrato Divindade ao concreto Deus. Atém-se à qualidade e não ao seu sujeito. Estabelece-se com o Divino uma relação menos pessoal, menos consistente, mais misteriosa, envolta num nimbo celeste, feita em níveis crescentes de consciência, inclusive por sucessivas reencarnações. Daí a importância de certas práticas de meditação transcendental, de exercícios de controle de si e da fantasia, do esvaziamento dos conteúdos, do domínio da respiração, da postura de

corpo.

Não é um Deus que se revela na sua liberdade, mas uma dimensão divina, misteriosa, que nos envolve a todos. Está no cosmos, no fundo de nós mesmos, como se expressa Shirley MacLaine, artista americana e uma das figuras de ponta da Nova Era: o “Eu supremo, a alma, é o nosso reflexo personalizado da centelha divina”, “o conhecimento do Eu Supremo é conhecimento de Deus” e “o

nosso sentimento de amor nasce no coração, brota do centro do nosso espaço divino”. (Terrin, 1996, p. 86)

No fundo, estamos diante de uma vertente teológica monística de corte oriental místico e impessoal, em que a distinção entre Deus e o criado se esfuma numa identificação tal que se está mais próximo do panteísmo que do criacionismo. Enquanto o secularismo reduz Deus à pura imanência, a Nova Era sacraliza o cosmos, identificando-o com o divino. É o antípoda do secularismo imanentista.

Alguns elementos mais teológicos da Nova Era: Deus não se revela na sua liberdade, mas está no cosmos, no fundo de nós mesmos. A figura de Cristo sofre uma radical espiritualização. No lugar do Evangelho do Reino está o evangelho do Aquário. E a salvação se faz pela via da espiritualidade. É uma auto-salvação.

A figura de Cristo

Não desaparece de todo. Mas também sofre processo de radical espiritualização. De novo, situa-se do lado do cosmos e não da história. A encarnação redentora desaparece diante de um Cristo cósmico, Mestre da Verdade, Logos Solar, Cristo Maitreya, que aparece e pode aparecer em diversas formas. Surge em figuras de mestres espirituais ao longo da história: Buda, Krishna, Jesus. Portanto, não se identifica exclusivamente com Jesus. Interessa nele a energia que o impregna e se ir-

¹ Para ter idéia mais ampla desses aspectos, ver Gil, 1994.

radia para os movimentos que pressentem sua chegada. (Gil, 1994, p. 206)

O evangelho de Jesus, que anuncia o Reino de Deus, é substituído pelo evangelho de Aquário, de natureza gnóstica, interior. O Reino de Deus é no nosso interior. S. João insistia em que fomos salvos não pelo conhecimento mas pelo sangue de Cristo. A Nova Era põe-se no lado oposto. Salva-nos o conhecimento e não a pessoa histórica de Cristo.

Espiritualidade e antropologia teológica

A salvação se faz pela via da espiritualidade. É uma auto-salvação. É o contrário da teologia paulina que Santo Agostinho e a tradição da Igreja tematizaram ao longo dos séculos. Realiza-se por meio de psicotecnologias, meditação, sistema de cura alternativa, consulta a oráculos diversos, ensinamentos de mestres, orientação de gurus etc. Portanto, não há lugar para a gratuidade salvadora de Deus.

A espiritualidade centra-se na perfeição interior, não por meio de uma ascese, mas de experiências de alta percepção, de liberação do verdadeiro eu (*Self*) em relação à sua personalidade externa (*Ego*). No fundo de nosso ser estão as energias espirituais a serem exploradas ou no cosmos a serem hauridas. Desenvolve-se uma espiritualidade psicológica e cósmica num único movimento psico-cósmico-místico. (Libanio, 1996, p. 48-58)

A experiência do Divino, que nos envolve, é a Fonte primigênia, primordial de toda vivência (Leila, 1994, p. 13): “Há a experiência de uma totalidade na qual somos envolvidos: é a percepção da presença de Deus. É a experiência da unidade com essa presença, a descoberta do espírito de Deus dentro de nós mesmos”, como afirma Spangler (Terrin, 1966, p. 84). O misticismo “nos faz ver

como somos uma coisa só com Deus e participamos com ele da evolução da criação”. (Terrin, 1966, p. 84)

QUE POSIÇÃO TOMAR DIANTE DESSA PROPOSTA?

Esta onda espiritual está aí, desafiante. No espírito paulino, toca-nos discernir e reter o que é bom. (1 Tes 5,19-22)

Aspectos positivos

Há um inegável desejo e sentido de fraternidade universal, de paz, de harmonia num mundo tão dividido, fragmentado, onde os contrastes da injustiça são escandalosos, onde renascem o racismo e xenofobismo. Toma-se consciência e esforça-se para melhorar a situação atual por meio da

mobilização geral de forças para o bem.

A Nova Era assume certo tom profético, ao denunciar o unilateralismo e o totalitarismo da razão instrumental, do espírito científico empirista. Em contraposição, desperta as pessoas para as dimensões do simbólico e do religioso. Salienta a complexidade do real e sua dimensão de transcendência. Propõe uma visão integral do ser humano, valorizando-lhe o lado espiritual, místico, rejeitando o materialismo, o consumismo.

Em tempos de morte das utopias, ressuscita o maior sonho da humanidade de todos os tempos: a grande harmonia consigo, com os outros, com o cosmos, com o divino. Desperta as pessoas para a loucura de uma vida tão estressante. Recorre à sabedoria e experiência oriental, onde hauriu inúmeras técnicas terapêuticas de relaxamento.

A Nova Era provoca a retomada da mistagogia cristã, de uma cristologia do Jesus da história, centrada na pregação do Reino e no seguimento de uma concepção unitária do ser humano e da gratuidade de Deus.

Aspectos críticos

Nem tudo são luzes nesse movimento. *Ideologicamente*, a crítica mais grave é a de alienação. A Nova Era praticamente transfere, de maneira quase exclusiva, a transformação da realidade para a mente. Embora seja importante a mudança interior das pessoas, a situação social permanece, em muitos casos, intocada em suas estruturas.

Teologicamente, os problemas são muitos. Afeta os dogmas fundamentais da fé cristã. Reduz a Trindade a um monismo substancial, a um panteísmo cósmico, a uma Energia primordial. A pessoa de Jesus perde toda a sua dimensão histórica, de encarnação. Ele é reduzido a uma forma quase de aparência humana (doceta), de mero mestre de ensinamentos esotéricos, esvaziando o sentido mais importante da sua vida: anunciar o Reino de Deus. E, por sua vez, a natureza social do Reino se esfuma num espiritualismo desfibrado. Esvazia-se também a graça salvadora de Cristo, ao defender-se verdadeira auto-salvação gnóstica. E a Igreja, portanto, perde seu sentido de mediação de salvação.

Resposta positiva

Os questionamentos da Nova Era provocam uma revisão de nossa atual proposta e prática cristã. Antes de tudo, o Cristianismo é convidado a retomar uma atitude mistagógica, isto é, de oferecer aos cristãos uma verdadeira introdução à experiência do mistério de Deus e não de ser simplesmente a realização formal de ritos. A catequese ba-

tismal, desconhecida por causa do batismo de crianças, deve ser retomada, quer quando o catecúmeno é adulto, quer no momento da iniciação à Eucaristia e da preparação para a confirmação. Em vez de reduzir-se ao aspecto unicamente doutrinal, deve ser acompanhada de situações que favoreçam experiências do mistério de Deus.

Só uma cristologia do Jesus da história, centrada na pregação do Reino e no seguimento, pode contrapor-se à imagem de um Cristo cósmico e gnóstico.

Na teologia da graça, cabe recuperar, de um lado, uma concepção mais unitária do ser humano, e, de outro, não perder a dimensão da gratuidade de Deus. No primeiro ponto, pode-se aprender da Nova Era a valorizar não só uma percepção global de nosso eu, mas também os exercícios e técnicas que permitem desenvolver tal consciência.

CONCLUSÃO

O cristão deve não só assumir uma atitude pastoral prévia de atenção e escuta em relação a todo o conjunto da Nova Era, exercendo aí a prática de discernimento, como também caminhar junto com as pessoas, mostrando-lhes uma nova imagem de Deus, uma Igreja de comunhão, acolhida, perdão, solidariedade, colaboração crítica e construtiva. (Soravito, 1991)

Referências bibliográficas

- 01 AMARAL, Leila. Nova era; um movimento de caminhos cruzados. In: AMARAL, Leila, KÜENZLEN, Gottfried, DANNEELS, Godfried. *Nova era; um desafio para os cristãos*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- 02 ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da exclusão; ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994.
- 03 FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- 04 GUTIÉRREZ, G. *A força dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- 05 LIBANIO, J. B. *Ser cristão em tempos de nova era*. São Paulo: Paulus, 1996.
- 06 RODRIGO, M. Arranz. Prólogo. In: GIL, J. C., NISTAL, J. A. *New age; una religiosidad desconcertante*. Barcelona: Herder, 1994. p 11-24.
- 07 SORAVITO, L. Risveglio religioso e ritorno al sacro; criteri per una lettura critico-positiva; istanze pastorali che ne derivano. *Credere Oggi*, v. 11, n. 61, 1991.
- 08 SUDBRACK, J. *La nueva religiosidad; un desafío para los cristianos*. Madrid: Paulinas, 1990.
- 09 TERRIN, A. Natale. *Nova era; a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1966.